

**ENSINAR E APRENDER COM ALEGRIA NA PEDAGOGIA AGOSTINIANA:
comentários aos capítulos 10-14 do opúsculo *Sobre a Instrução dos Catecúmenos*, de
Santo Agostinho**

Aluno: Paulo Henrique de Sena Felix¹

Orientador: Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa²

Resumo: “Por onde começar? Até onde levar a narração? Ao terminá-la, devemos dirigir uma exortação ao nosso ouvinte ou tão-somente ensinar-lhes os preceitos em cuja observância aprenderá a acreditar na vida e na revelação cristãs?” (AGOSTINHO, 1972, p.33), estas inquietações foram trazidas por Deográtias a Santo Agostinho acerca da sua conduta enquanto catequista daqueles pagãos recém convertidos que queriam conhecer aspectos básicos da fé cristã (rudes). Pensando nisso, Agostinho escreve um tratado de nome *De Catechizandis Rudibus* desejando sanar estas dúvidas, elaborando conselhos que tornem as aulas mais atrativas a seu público-alvo: os rudes. Metodologicamente, isso assemelha-se à conduta de um professor que sempre pensa em oferecer o melhor a seus alunos. Além disso, percebe-se que estes problemas são compatíveis com os de muitos professores que sofrem com o enfado de seus alunos, não por falta de experiência, e nem de competência, mas por falta de estratégia em lidar com esse tédio em aula. Dito isto, propõe-se, por meio deste trabalho, revisitar estas ideias agostinianas sobre o enfado e pensar: Como o pensamento de Agostinho pode nos ajudar a combater o enfado dos alunos na contemporaneidade e obter, ao fim de tudo, a alegria? Como tornar hilária a aula entediante?

Palavras-Chave: Agostinho. Catequese. Pedagogia. Enfado-Alegria. Ensino-Aprendizagem.

Introdução

Durante os séculos III - IV da era cristã, a Europa passou por uma série de instabilidades sociais, políticas e educacionais, em razão da queda do Império Romano do ocidente e das constantes invasões bárbaras. Após a queda do Império Romano e de toda a sua hegemonia, sobreveio um período de incerteza: se todo o poder existente estava na mão do Império Romano, quem ficará em seu lugar? Em meio a tantas incertezas e tantas instabilidades, uma instituição vem ocupar o lugar do antigo e agora extinto Império Romano, e esta instituição era a Igreja Católica.

Sendo a Igreja Católica a nova instituição reinante, inaugura-se então um novo período da história da humanidade: a Idade Média. Nesta nova fase, pregar “o evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15) tornou-se o principal objetivo da Igreja Católica, visto que muitos da época não

¹ Licenciando em Filosofia pela UFPE. Email: paulo.senafelix@ufpe.br

² Doutorado em Filosofia pela PUCRS, Pós-doutorado em Filosofia pela Universidade do Porto, professor efetivo do Departamento de Filosofia da UFPE. E-mail: marcosnunescosta@hotmail.com

eram convertidos, muito menos batizados. A partir disso, surge uma nova pergunta: O que fazer para converter estes não cristãos? Como converter estes não cristãos? Por meio da Catequese. Que seria a catequese? Segundo o Prof. Eliseu Lopes, a catequese seria:

[...] uma forma de evangelização dos cristãos. De facto a catequese não é uma mera educação ou transmissão da doutrina cristã, mas é sobretudo uma iniciação à vida cristã direcionada a todas as idades, a todos os homens e a todas as culturas. Tem uma função evangelizadora e é também um dos instrumentos da inculturação (2012, p. 15).

Ou seja, a catequese seria nada mais do que uma introdução de iniciação à fé cristã, uma história da Salvação, e seu objetivo é mostrar as ações de Deus através dos tempos. Durante este período tão conturbado da cristandade, com a tentativa de propor metodologias e reflexões acerca do ensino das premissas base da fé cristã aos recém convertidos, surgiram vários clérigos com memoráveis contribuições para a catequese³.

Neste trabalho, discutir-se-á os capítulos 10-14 da obra *Sobre A Instrução dos Catecúmenos*, onde tratar-se-á do problema do enfado, i. e., da incômoda indisposição de muitos alunos recém convertidos na aula de catequese. Destes capítulos, discutiremos especificamente as seis causas para o enfado, apresentadas no capítulo 10, bem como os seus seis remédios, presentes nos capítulos 11-14, e em cada causa, bem como em cada solução para o enfado, faremos alguns comentários. Ao final desta discussão mostraremos a utilidade destas ideias para a nossa contemporaneidade. Para que tudo isto seja feito, é necessário que seja feita uma introdução à assuntos coligados que são a noção de catequese, a noção de enfado, causas, remédios e afins.

1 Princípios da catequese/pedagogia agostiniana

³ Destes clérigos, podemos citar, a priori, São Cirilo Jerusalém (313-386 d.C) com as suas 24 catequeses que se subdividem a partir “[d]as cinco primeiras catequeses [que] tratam do convite ao batismo, do pecado e da penitência, do batismo, dos onze dogmas (Deus, cristo, a ressurreição, as sagradas escrituras), da fé e do símbolo batismal de Jerusalém. Da sexta à décima oitava catequese, São Cirilo explana os artigos do símbolo hierosolimitano. As últimas cinco catequeses [...] foram pregadas aos neófitos na semana da páscoa [...] e, por isso, se chamam mistagógicas (mystês significa iniciado)” (Afonso R., 1928, p. 45). Aqui podemos destacar também Hipólito de Roma com a sua obra *Tradição Apostólica* que é “o documento mais antigo a este respeito [iniciação cristã] e a base do catecumenato cristão [...]” (MOREIRA, 2011, p. 136), e compreende o catecumenato como um processo feitos em quatro etapas, que são as “condições de admissão do candidato; duração da preparação, exame dos candidatos e profissões proibidas; os ritos catecumenais e o lugar dos catecúmenos na assembleia” (*Ibid.*). Outras contribuições destacáveis, são a de Ambrósio de Milão, Teodoro de Mopsuéstia, João Crisóstomo etc.

Os princípios da catequese /pedagogia de Agostinho podem ser vistos no cap. III, §5, de sua obra *Sobre A Instrução dos Catecúmenos*, quando diz que “a narração é completa quando o catecúmeno é instruído a partir do início da Escritura - *No princípio Deus criou o céu e a terra* - até os tempos atuais da igreja” (AGOSTINHO, 1978, p. 55)⁴, e esta narração segue um roteiro de seis etapas, correspondentes aos seis períodos (bíblicos) da humanidade:

1. Criação de Adão
2. Dilúvio
3. A aliança com Abraão
4. Sacerdócio de Davi
5. A Libertação do Cativo
6. Encarnação e Ressurreição⁵

Estes seis períodos bíblicos primordiais para a catequese proposta por Agostinho baseiam-se na passagem bíblica dos seis dias da criação do mundo. Um aspecto destacável aqui, é que o catequista/ professor deve fazer uma catequese/educação “situada”, ou seja, um ensino que leve em conta todos os fatores humanos existentes no seu público, como a realidade em que vive, sexo, cultura, e demais fatores que surgirem com a exposição catequética, o que denota uma realidade temporal e histórica.

A este público Agostinho dá o nome “rudes”, visto que “careciam dos rudimentos da fé, podendo ser cultos ou não nas ciências profanas” (PAIVA, 2020, p.16). Etimologicamente o termo rudes têm vários significados. Quando conferimos o *Dicionário do Latim Essencial*, do Antônio Rezende e da Sandra Bianchet (2014, p. 651-652), vemos quatro definições sobre esta mesma palavra. A primeira definição diz que rude(s) é “Grosseiro, em estado bruto, tosco, selvagem, não trabalhado, não cultivado”, ou seja, algo incompleto e inacabado que pode melhorar, ou melhor, ser lapidado, igual uma “pedra bruta”.

⁴ Nesta passagem, destaca-se que Agostinho pretende usar essa história da salvação como meio de mostrar os desígnios do amor de Deus no decorrer das eras. A partir disso podemos compreender que “[...] o amor será entendido como uma realidade permanente que dá unidade e continuidade à História. “O objetivo da catequese da História da Salvação é, pois, suscitar uma expectativa ou uma vida, cheia de fé, esperança e amor que, a partir da manifestação das escrituras, descobre o amor agindo em toda a História Humana” (ROSINA ; MELO *apud* PAIVA *In*: AGOSTINHO, 1978, p.18). Por outras palavras, na catequese é importante o professor/ catequista suscitar no aluno uma vida cheia de fé, esperança e amor, ou seja, nesta educação teológica, histórica e pedagógica, tudo isso é benéfico para o aluno viver sempre com fé em Deus, seguindo seus preceitos, ame a Deus e ao próximo com boas ações e palavras, e sobretudo esperar sua chegada, isto é, “ouvindo creia, crendo espere, e esperando ame” (AGOSTINHO, 1978, p. 64).

⁵ É válido lembrar que na cosmologia Agostiniana, pressupõe-se também, a existência de uma sétima idade, onde nela não haverá mais a vida terrena, mas sim a vida eterna como eterno descanso daqueles que retamente amaram a Deus durante a vivência nestas seis eras.

Na segunda definição, a palavra rude(s) é vista como “Novo, recente, jovem, inexperiente”, isto é, alguém que é recém-chegado a um lugar, ou recém adentrado dentro de algum grupo/ ordem religiosa ou afins, tal qual os noviços(as) de um convento. A terceira definição traz rude(s) como algo “Rude, ignorante, inculto, indelicado, mal-educado”.

Na quarta definição rude(s), “Simples, ingênuo.”, o que dispensa muitos comentários. Ao analisarmos todas as definições aqui trazidas, percebemos que algumas delas soam bastante pejorativas e outras nem tanto. É perceptível que algumas destas definições têm, por mínima que seja, alguma proximidade com o pensamento de Agostinho acerca dos chamados “rudes”. Mas, afinal de contas, qual a definição que Agostinho dá para rudes?

Para Agostinho, rude é todo aquele que carece dos “rudimentos da fé”, ou seja, carecem do conhecimento acerca dos princípios fundantes do catolicismo. Por outras palavras, os rudes são pagãos recém convertidos que além de não terem sido batizados, também não conhecem os dogmas e as doutrinas do cristianismo, o que implica na necessidade de receberem uma instrução prévia por parte da Igreja⁶. Estes rudes também são chamados de “*accedentes*” pela Igreja visto que eles “chegavam para conhecer os aspectos básicos que compõem o catolicismo”⁷, e são a razão pela qual Agostinho escreve sua obra *A Instrução dos Catecúmenos* a Deográtias, que enfrentava enorme dificuldade em expor a estes noviciados as premissas-base da fé cristã⁸.

2 A estrutura do livro

A obra é composta por 27 capítulos (livros) e 55 parágrafos, que se dividem em duas grandes partes compostas por diversas instruções acerca do conteúdo e forma da catequese aos iniciados na fé cristã. Ele é dividido em duas partes, sendo a primeira chamada de *Narratio* que

⁶ Hipólito de Roma no seu livro *A Tradição Apostólica*, chama esse momento preliminar da iniciação cristã de Pré-Catecumenato.

⁷ Dentro desse processo de iniciação, existiam outras duas etapas a serem seguidas até o batismo do noviço(a). Estas etapas são: *catechumeni* (*catecúmenos*) nas igrejas do oriente, e *auditores* nas igrejas do ocidente, “*competentes*” e “*electi*”, em grego *photizomenoi* (*φωτιζομενοι*) (*iluminados*). Nesta terceira etapa, os noviços eram batizados na noite de páscoa e isto marcaria o seu adentramento e aprofundamento na fé cristã, dado que agora poderiam receber os demais sacramentos como eucaristia, crisma etc.

⁸ Em seu livro, Agostinho traz uma resposta a um amigo, de nome Deográtias, que era diácono em Cartago, e à época era encarregado de instruir os pagãos recém convertidos à fé cristã: “os rudes”. Deográtias havia enviado uma carta a Agostinho queixando-se de enfadar seus alunos quando estes ouviam seus sermões sempre longos e monótonos. Cf. AGOSTINHO, Santo. *A instrução dos catecúmenos: teoria e prática da catequese*. 2. ed. Tradução e notas de Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 33-34.

tem por objetivo detalhar maneiras de o professor de catequese fazer uma boa exposição do seu conteúdo aos rudes, seus alunos.

Nesta primeira parte, faz-se também uma prévia introdução da segunda parte, que é a exortação, ou *exhortatio*, que como o nome diz pretende exortar/incentivar que os iniciantes ponham em prática tudo aquilo que aprenderam durante o momento da narração, *narratio*, sendo “um apelo à iniciação da vida cristã propriamente dita” (LOPES, 2012, 51)⁹. Se pudéssemos esquematizar tudo que é abordado por Agostinho na sua obra, faríamos da seguinte maneira:

O Prim. cat. (livro)¹⁰ tem uma introdução (1-4) tratando:

a) da ocasião do escrito: I, 1-2

b) de observações preliminares: II, 3-4

e duas partes: III, 5 - XIV, 22 e XV, 23 - XXVII, 55.

No final da introdução, Agostinho mesmo traça o plano do desenvolvimento da catequese, na primeira parte (III, 5 - XIV, 22):

a) modo de narrar: III, 5 - VI, 10

b) como expor e exortar: VII, 11 - IX, 13

c) como adquirir a alegria: X, 14 - XIV, 22¹¹

Numa segunda parte (XV, 23 - XXVII, 55) oferece exemplos práticos: a) Exemplo de catequese: XV, 23 – XXVI, 50 b) Exemplo de catequese breve: XXVI, 51 – XXVII, 55¹²

Dentro dos capítulos (livros), Agostinho traça para Deográtias um plano de ação teórica, que chamamos de *narratio*, ou seja, um compilado de instruções que permitam ao professor

⁹ A partir destas duas reflexões podemos perceber que o método de exposição da catequese, proposto por Agostinho em seu livro *A Instrução dos Catecúmenos*, não se limita à pensar somente num método que melhore a exposição de um assunto durante o catequese prévia dada aos rudes, mas sim num método que possibilite ao catequista uma melhor exposição dos aspectos fundantes da fé cristã, sem empecilhos, ou melhor, sem enfado dos alunos, e que a partir dessa exposição teórica os alunos possam, de agora em diante, cumprir o objetivo último do ensino: o aluno pôr em prática tudo que foi ensinado. Dito isto, podemos destacar a feliz escolha da professora Maria da Glória Novak em pôr no subtítulo da sua tradução a este mesmo texto que agora me debruço “teoria e prática da catequese”, afinal qual ensino estaria completo se não houvesse a prática que ajuda-se a solidificar o que foi visto em teoria? Qual médico poderia ser considerado bom na sua função se nunca pôs em prática o que estudou por anos?

¹⁰ Primeira catequese

¹¹ Cf. ROXO, Paulo Antonino Mascarenhas. Introdução. In: AGOSTINHO, Santo. Primeira catequese aos não cristãos. Tradução e introdução de Paulo Antonino Mascarenhas Roxo. São Paulo: Paulus, 2013. p. 32 (Coleção Patrística, n. 32).

¹² Cf. ROXO, Paulo Antonino Mascarenhas. Introdução. In: AGOSTINHO, Santo. Primeira catequese aos não cristãos. Tradução e introdução de Paulo Antonino Mascarenhas Roxo. São Paulo: Paulus, 2013. p. 68 (Coleção Patrística, n. 32).

fazer uma boa narração sem empecilhos, ou melhor, sem cansar os alunos. Este plano teórico de Agostinho funda-se no seguinte tripé:

- 1 – Como conduzir a narração;
- 2 – Arte de dar preceitos e exortar;
- 3 – Meios de adquirir alegria e bom humor.

O tripé acima trata exclusivamente da narração dos feitos de Deus durante as eras. O ápice desta primeira parte reside no tópico 3 que consiste em “Meios de adquirir alegria e bom humor”. A alegria tem um aspecto educacional, onde o professor pensa meios de conquistar a alegria/atenção do aluno até então entediado, e a sua própria alegria, visto que há a relação enfado-alegria entre o(a) professor(a)-aluno(a)¹³.

Dito de outra forma, se o professor está alegre, alegra os outros (alunos), mas se este está triste, entristece os demais, ou como diz Artur Delgado Alves “assim como a alegria, *hilaritas*, é contagiante, também a tristeza o é e depressa passa do pregador ao ouvinte” (2014, p. 135).

3 O problema do enfado

De tudo que vimos na supracitada obra de Agostinho, destacam-se os capítulos (livros) 10-14, presentes na primeira parte da obra, para tratar do ápice de toda a primeira parte: a origem e a cura para o problema do enfado. Que seria o enfado? O enfado seria nada mais do que a sensação de tédio/cansaço durante uma preleção monótona e longa. Neste capítulo (livro) específico, a pessoa que mais sofre com esta incômoda sensação é o próprio Deográtias que atuava como diácono em Cartago. Este queixava-se de se sentir “diminuído e cheio de desgosto de si” em razão do desinteresse dos alunos em sua aula.

Apesar de o problema do enfado ser tratado com profundidade nos capítulos (livros) 10-14 de sua obra, Agostinho no capítulo (livro) 1 nos dá uma prévia do problema do enfado. Ali, o bispo de Hipona diz:

¹³Pode-se fazer as seguintes reflexões acerca da alegria que o Deográtias: Quando falamos em ensino, falamos também em aprendizagem, visto que estas duas palavras estão interconectadas, afinal qual aluno aprende alguma coisa sem alguém que o ensine? E qual professor consegue ensinar se não existe alguém disposto a aprender? Para haver, então, uma boa interconexão entre os dois, ou melhor, para que o professor goste de ensinar e o aluno goste de aprender, é necessário haver a alegria, mas como isso se aplica? Aplica-se da seguinte maneira: Pode um professor ganhar o respeito e a admiração dos seus alunos se suas aulas causam tédio neles? Certamente não. Por outras palavras, a alegria do professor está atrelada com a alegria do seu aluno da mesma forma que ensino-aprendizagem estão coligadas.

Pedes-me, irmão Deográtias, que te escreva algo que te ajude na instrução dos catecúmenos. Dizes-me que, frequentemente, em Cartago, onde és diácono, são-te encaminhados os que devem **receber a primeira instrução catequética** - pela consideração da tua fecunda capacidade de catequizar, pela polidez da tua fé, pela doçura da tua palavra: e tu, quase sempre, te angustias procurando a maneira exata pela qual deve ser ensinada essa doutrina que, pela fé, nos torna cristãos [...].

Confessas e lamentas o que te sucede com frequência quando, em sermão longo e monótono, não apenas aquele que instruis pela palavra e os demais ouvintes, mas tu mesmo te sentes diminuído e cheio de desgosto de ti (AGOSTINHO, 1978, p. 33-34 - destaque nosso).

Na passagem acima, Agostinho responde aos apelos de Deográtias propondo-se a trazer alguma coisa que o possa ajudar em seu trabalho. Ainda aqui, percebe-se também, o problema do enfado, que nos é brevemente apresentado por Agostinho, quando se revela os percalços passados pelo diácono Deográtias, percalços estes sofridos na primeira instrução ao seu público-alvo: os catecúmenos/rudes.

Em um momento posterior de sua obra, chegamos ao capítulo (livro) 10, onde Agostinho revisita a problemática do enfado. Diferentemente do que se vê no capítulo (livro) 1, este capítulo apresenta-nos as causas da problemática do enfado advindas/geradas pela fala do professor durante a aula. Neste capítulo, o Bispo de Hipona, em resposta ao Diácono de Cartago, começa a enumerar as possíveis causas do problema do enfado, bem como as dificuldades de Deográtias no trabalho docente.

Agostinho, neste capítulo diz:

O que mais te ouço lamentar é que a tua palavra te parece vulgar e sem elevação quando inicias alguém no cristianismo. Sei que isto não se prende tanto ao que deves dizer - pois és suficientemente preparado e instruído - nem à pobreza da própria elocução, mas ao enfado do teu espírito (AGOSTINHO, 1978, p. 53).

Como Agostinho bem destaca nesta passagem, apesar de Deográtias ser bem preparado, mesmo assim tinha dificuldades com o seu trabalho

4 Causas do enfado

Agostinho, na primeira parte de sua obra, traça um plano teórico de catequese, ou *narratio*, e indo ao cerne da problemática do presente trabalho: o enfado. O que seria o enfado? Seria a sensação de cansaço e/ou tédio dos alunos originada após ouvirem uma exposição monótona e longa de um conteúdo em aula. Conforme Agostinho nos informa em sua obra *A*

Instrução dos Catecúmenos, a pessoa mais afetada ou preocupada com esse enfado dos alunos é o diácono cartaginês Deográtias que era encarregado de fazer uma preleção introdutória a estes(as) noviços(as)¹⁴.

Refletindo sobre estes problemas e pensando na melhor forma de ajudar seu amigo Deográtias, Agostinho enumera seis fatores que são as causas para o problema do enfado, e como forma de remediação, cria seis soluções. Esta exposição diagnóstica inicia-se pelo parágrafo 14 quando se vê Agostinho apontando as causas para o enfado/tédio dos alunos. As causas para o enfado citadas por Agostinho, são:

1. Os alunos não conseguem acompanhar as preleções do professor;
2. Professor prefere ler à ensinar;
3. Professor incomoda-se em repetir a preleção;
4. Professor incomodado com a inércia dos alunos;
5. Professor negligencia outras atividades mais importantes;
6. Professor perturbado por seus pecados/problemas pessoais;¹⁵

Estas seis causas resumidas têm diversos vieses, entre eles o psicológico, o teológico, entre outros. Vejamos detalhadamente cada uma destas causas.

4.1 Comentários à primeira causa de enfado

Os alunos não conseguem acompanhar as preleções do professor

No capítulo (livro) 10, parágrafo 14, Agostinho diz que o professor receia em se adaptar aos alunos e prefere ficar “no campo das ideias” ao invés de vir para o “campo da realidade”, o que dificulta o entendimento do aluno acerca do que se está a ser ensinado, ou como o texto bem diz: “Entediamo-nos, como afirmei, porque nos encanta o que em silêncio vemos claramente com o nosso espírito, e não queremos ser afastados para o ruído muito diferente das palavras!” (AGOSTINHO, 1978, p. 53).

Nesta passagem, Agostinho nos mostra que, em dados momentos, tão grande é a velocidade com que o professor obtém a ideia em sua mente, que de mesmo modo ele as

¹⁴ Cf. tópico *Razão do Livro*.

¹⁵ Nesta sexta causa, podemos pensar também na pessoa do professor com a sua saúde mental prejudicada. A partir disso, perguntamo-nos: Poderíamos considerar a pandemia como sendo um fator negativo na saúde mental dos professores? A negligência da sociedade quanto a saúde mental dos professores não poderia ser outro exemplo?

transpassa aos seus alunos, ou melhor, tão grande é seu conhecimento em determinado assunto, que ensina os seus alunos usando palavras complexas e rápidas. Sobre este assunto Marcia Medeiros esclarece que “chega um momento em que aquele que **ensina atinge um grau de erudição que lhe torna difícil e monótono ensinar aos catequizandos** sempre as mesmas verdades: dessa forma o caminho se torna comum e quem segue por ele já não sente mais prazer em fazê-lo: isso contribui para o enfado de quem ensina” (2010, p. 188 – destaque nosso).

Em síntese, a situação apresentada por Agostinho nada mais é do que a de um professor, que claramente domina o assunto que ministra, e que não larga o seu “academiquês”, mesmo quando vai ministrar aulas para pessoas mais simples, no contexto de formação intelectual¹⁶.

4.2 Comentários à segunda causa de enfado

Professor prefere ler à ensinar

Na segunda causa, o Bispo de Hipona nos fala de um professor que por ter medo/receio de falar para os alunos, por não se achar bom o suficiente, prefere ler alguma preleção já pronta do que “improvisar”, ou melhor, preparar algum tipo de discurso ou aula que ele(a) mesmo(a) tenha preparado para seus alunos. Outro fato a destacar é que tamanha motivação advém do receio de os alunos, de alguma maneira, “corrigirem” o seu professor(a), e isto muito se assemelha com a “síndrome do impostor”, problema psicológico que faz com que o professor crie falsas percepções acerca da sua conduta, metodologia e afins no exercício de seu trabalho.

4.3 Comentários a terceira causa de enfado

Professor incomoda-se em repetir a preleção

Na terceira causa temos um problema de linguagem. Nesta causa, o professor constantemente se sente incomodado em repetir aos alunos, que ainda estão com dúvidas, as explicações feitas durante as aulas de catequese. Certamente é incomodo para todo professor

¹⁶Como diz Eduardo Jordão (2006, p. 73): “Para um público com essas características, Agostinho necessitava ser claro, demasiadamente claro. Contudo, mesmo movido pelo desejo de ser entendido pelos ouvintes, ele sabe que nem sempre as palavras conseguem expressar aquilo que a alma entendeu num rápido clarão”. Cf. JORDÃO, Eduardo Antônio. Um percurso educativo no interior da obra de Agostinho de Hipona (354-430). Campinas: UNICAMP, 2006. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação).

fazer sempre a mesma coisa várias vezes, ou melhor, dar sempre a mesma aula várias vezes em vários momentos.

Esta é uma das situações-problema a qual Deográtias estava incluído, situações estas onde Agostinho comenta que “talvez nos desgoste voltar sempre às mesmas verdades que se ensinam aos catecúmenos: conhecidíssima por nós, não são já necessárias ao nosso progresso, e o espírito não mais pode sentir qualquer prazer em seguir por caminhos tão comuns, e como pueris” (AGOSTINHO, 1978, p. 53-54). Ou seja, quando o professor se incomoda em sanar as dúvidas de seus alunos, ele está simplesmente pondo a “poeira para debaixo do tapete”, ou melhor, não está de fato resolvendo este problema existente entre o aluno e o aprendizado.

4.4 Comentários a quarta causa de enfado

Professor incomodado com a inércia dos alunos

Na quarta causa, o problema advém da "inércia dos alunos" que não manifestam nenhum tipo de reação acerca da aula do professor, deixando-o incomodado e triste como vê-se nesta passagem:

É realmente difícil continuar falando até o fim proposto, quando não vemos comover-se o ouvinte! Constrangido pelo temor da religião, ou contido pelo respeito humano, receia talvez em demonstrar, pela voz ou por qualquer movimento do corpo, a sua aprovação. Ou não entende - ou despreza ! - o que se lhe diz. Seu espírito é indistinto para nós e não podemos examiná-lo (AGOSTINHO, 1978, p. 60).

Este tipo de problema, segundo o Bispo de Hipona, tem duas outras causas anteriores, ou melhor, tem dois motivos, segundo afirma Marcia Medeiros. O primeiro motivo desta inercia seria o “temor pela religião”, ou seja, um receio do aluno em demonstrar que tem dúvidas acerca do assunto por medo de sofrer uma possível represália por parte do professor. Por outras palavras, esta situação é a mesma que muitos alunos se encontram quando são recém chegados em uma turma e não conhecem os seus professores, muito menos o ambiente em que estão, e tais fatores acabam por corroborar problema-cerne deste trabalho: o enfado do aluno.

4.5 Comentários a quinta causa de enfado

Professor negligencia outras atividades mais importantes

Iniciando a discussão acerca da sensação de tédio dos alunos na quinta causa, Agostinho vem nos falar de uma situação particular, em que o professor é cercado por inúmeras obrigações, e não sabendo como conciliar, acaba por negligenciar atividades consideradas mais importantes, ministrando entristecido as suas aulas de catequese¹⁷. Tal causa, se contemporaneamente exemplificada, pode ser vista na pessoa do professor que ao mesmo tempo que precisa ministrar e preparar aulas para os seus alunos, também precisa orientar alguns deles em seus trabalhos de conclusão de curso, dissertação de mestrado, quiçá teses de doutorado. Se não bastasse o já dito, existe, ademais, uma pressão acadêmica para que este professor publique artigos, livros e ensaios frequentemente. Por consequência, temos a tristeza dos ouvintes, visto que “a exposição (de um professor) que nasce da tristeza decorrerá (em algo) menos agradável” (ALVES, 2014, p. 135).

4.6 Comentários a sexta causa de enfado

Professor perturbado por seus pecados/problemas pessoais

Na sexta e última causa, o professor é rodeado por escândalos em sua maioria pessoais que acabam por atormentá-lo e desmotivando-o no seu trabalho docente, o que acaba, no final das contas, por afetar a qualidade de suas aulas, gerando o tédio nos alunos e a tristeza de seu professor¹⁸.

Estes seis problemas pensados por Agostinho compõem o que conhecemos como “as seis causas do enfado”, e para cada um destes problemas uma solução visando o combate ao tédio nos alunos, tédio este que tanto incomoda o Deográtias, e todos aqueles que são professores.

Devidamente descritas, e por nós comentadas, as causas do enfado, Agostinho agora vem se debruçar acerca do remédio as causas do enfado.

5 Soluções para o enfado

¹⁷É válido destacar, ademais, que essa tristeza do professor atarefado e negligente, em outras atividades mais importantes, afeta seu rendimento em sala de aula, dado que o aluno só aprende com alegria se o professor ensina com alegria.

¹⁸ Esta causa tem caráter espiritual, mas também pode ser compreendida por um viés emocional e psicológico.

Após enumerar seis causas para este problema, o enfado, Agostinho propõe seis remédios, e estas são:

1. Seguir o exemplo de Cristo;
2. Lembra-te de quem tu és: professor;
3. Adaptar-se aos ouvintes com amor fraterno, materno e paterno;
4. Afastar o temor dos alunos;
5. Organizar melhor suas atividades;
6. Ser caridoso com os alunos e se alegrar com a possibilidade de lhes ensinar.

Como podemos ver, as soluções propostas por Agostinho para a problemática do enfado dos alunos são relativamente simples e fáceis de serem aplicadas pelos professores da própria Idade Média, como o Deográtias, e professores da nossa contemporaneidade.

5.1 Comentários à primeira solução para o enfado

Seguir o exemplo de Cristo

Para a primeira causa, o professor é convidado a “seguir o exemplo de Cristo” enquanto dá aulas, ou seja, sair do “campo das ideias” e dar uma aula a partir da perspectiva/realidade dos alunos. O que isto de fato quer dizer? Quer dizer que, visando melhorar sua aula, o professor deve abdicar do seu “academiquês” e começar a usar um discurso mais simples de modo a se fazer entender por parte do seu público. A partir disso, podemos questionar: Que mérito tem um professor que explana um assunto, ainda que fácil, de maneira difícil e pouco compreensível aos alunos? Falar com palavras difíceis significa saber muito? Não seria melhor que o professor se utiliza de palavras mais conhecidas do seu público, mostrando destreza retórica enquanto ministra aula?

As perguntas são várias, porém as respostas são sabidas: um verdadeiro professor deve sair de seus discursos macrológicos, i. e., longos, para discursos mais breves e concisos, visto que se um indivíduo tem grande domínio de uma certa arte/técnica e afins, este poderia fazer de forma que pareça simples aos demais. Além do mais, podemos pensar, para além do “academiquês”, o abandono das formalidades, afinal será que formalidades demasiadas não atrapalham o aprendizado do aluno e a relação docente-discente?

Usando as palavras de Agostinho, como ele propõe uma solução para estes problemas? Ele traz a solução dizendo:

Como, realmente, estaria preparado para sacrificar-se por suas almas (2 Cor 12,15), se lhe custasse inclinar-se até os seus ouvidos? foi por isso que se tornou pequeno no meio de nós, tal como a mãe a acalantar os filhos (1Ts 2,7). A menos que isso nos convide o amor, agrada-nos murmurar palavras truncadas e mutiladas? (AGOSTINHO, 2020, p. 82).

5.2 Comentários à segunda solução para o enfado

Lembra-te de quem tu és: professor

Na segunda solução, Agostinho ressalta que se o nosso pensamento não se afasta da verdade e se alguma palavra dita por nós incomodar nossos alunos, precisamos fazer da ocasião uma oportunidade para mostrar o aluno que nem sempre usamos as palavras da melhor forma possível. Dentre outras coisas Agostinho nos convida a percebermos que não há motivo para espanto se o aluno não manifestar algum tipo de dúvida.

5.3 Comentários à terceira solução para o enfado

Adaptar-se aos ouvintes com amor fraterno, materno e paterno

Na terceira solução vemos uma proposta parecida com as outras duas soluções anteriores. Nela, Agostinho sugere que o professor deva, durante suas aulas, adaptar suas palavras com amor materno, fraterno e paterno a seus ouvintes de modo a melhorar sua relação com os alunos e a compreensão deles acerca do conteúdo transmitido. Qual a razão disso? a razão disso é o sentimento de alegria advindo da oportunidade de ajudar os alunos a chegarem até Deus. Podemos dizer ainda que esta alegria se compara a de um guia que percorre(u) várias vezes o mesmo local em diversas ocasiões passadas e/ou do presente, e que por tanto passar por aquele lugar, acaba por não ver mais graça naquela região, porém sob a ótica do Bispo de Hipona, tal alegria seria renovada quando uma pessoa conhece aquele lugar pela primeira vez e acaba por se alegrar e se encantar com ele. Esta alegria que o “turista” sente em estar ali, é a mesma que o professor sentiria ao apresentar um conteúdo a um aluno e este alegrar-se em aprender.

5.4 Comentários à quarta solução para o enfado

Afastar o temor dos alunos

Na quarta solução, Agostinho convida o professor a “afastar o temor dos alunos”, de modo a fazer com que os laços entre os alunos sejam estreitados e no final das contas o professor exerça bem sua função e os alunos aprendam da melhor maneira possível. Agostinho compreende que dentro do trabalho docente situações adversas surgem e o professor deve estar preparado para situações afins, afinal “o educador (tem o) papel de articulador e incentivador no processo de construção do conhecimento” (MEDEIROS, 2010, 189), ou seja, segundo o Bispo de Hipona, o professor deve se valer desse seu papel social e ajudar o aluno(a) a abandonar seu temor acerca das aulas ministradas.

5.5 Comentários à quinta solução para o enfado

Organizar melhor suas atividades

No quinto remédio, Agostinho convida os professores, até então atarefados a organizarem melhor suas atividades, não descontando suas frustrações e angustias nas aulas e nos seus alunos, afinal eles não “tem nada a ver com isso”, ou melhor, é sabido que o trabalho docente exige do seu prestador, isto é, do professor, muitas outras obrigações que lhe consomem muito tempo, porém o professor deve se lembrar que apesar disso tudo lhe causar tristeza e incômodo, ele deve organizar melhor suas atividades, o que seria uma solução até simples para o problema do professor.

5.6 Comentários à sexta solução para o enfado

Ser caridoso com os alunos e se alegrar com a possibilidade de lhes ensinar

Na sexta e última solução, Agostinho nos diz que apesar de o professor sofrer com problemas pessoais e escândalos que o atormentem, ele deve, entretanto, usar a oportunidade de ensinar um noviço como meio de se auto alegrar, afinal da mesma forma que a água apaga o fogo, assim também são as oportunidades de ensinar os cristãos recém convertidos.

Considerações finais

Com este trabalho, procurou-se demonstrar como o texto *De Catechizandis Rudibus* de Santo Agostinho, a qual traduz-se ao português como *A Instrução dos Catecúmenos*, apesar de distar de nós em 16 séculos aproximadamente, traz reflexões acerca da conquista da alegria do aluno, e também do professor, que podem nos ser úteis no momento atual em que vivemos. Além disso, buscou-se demonstrar também, por meio de comentários e exemplos, que o tédio nos alunos, ou melhor, o enfado, a qual demos maior ênfase durante a escrita do trabalho, é um problema de grande relevância dentro do contexto educacional, que certamente percorre gerações e acima de tudo é comum em professores de todas as épocas, culturas e áreas do saber.

Ainda sobre o enfado dos alunos, concebo que este problema, além de ser abrangente em várias áreas do saber, também percorre várias gerações, entre elas a nossa, visto que no atual sistema educacional, os alunos têm várias disciplinas a estudar, sem opção de escolha, o que certamente é um problema que gera o tédio nesses alunos, dada a grande quantidade de atividades a fazer e a grande indisposição gerada ao final.

Tendo isso em mente, será que podemos nos propor a aplicar esses remédios criados por Agostinho na cura do enfado/tédio dos alunos do nosso sistema educacional atual? A resposta é sim, pois, como bem intentou-se demonstrar neste trabalho, o enfado, ou melhor, o tédio nos alunos é um problema metodológico e que deixou resquícios na nossa contemporaneidade, afinal possível negar que ainda hoje os professores precisam lidar com alunos indispostos em sala de aula? Por fim, destaco que é possível que alguns pontos aqui discutidos não tenham recebido todo o destaque merecido por diversas razões existentes. Tais pontos serão vistos com mais detalhes em um momento posterior.

Referências

Materiais Citados

- AGOSTINHO, Santo. **A instrução dos catecúmenos: teoria e prática da catequese**. 2. ed. Tradução e notas de Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 1978, 143 p.
- AGOSTINHO, Santo. **A Instrução dos Catecúmenos**. Tradução de Maria da Glória Novak. São Paulo: Vozes, 2020. 186 p.

- ALVES, Artur Luís Delgado Farinha. **De catechizandis rudibus**: a comunicação da fé segundo Santo Agostinho. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2014. Dissertação (Mestrado em Teologia)
- JORDÃO, Eduardo Antônio. **Um percurso educativo no interior da obra de Agostinho de Hipona (354-430)**. Campinas: UNICAMP, 2006. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação).
- LOPES, Eliseu Teixeira. **A pedagogia catequética segundo o “De Catechizandis Rudibus” de Santo Agostinho**. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2012. 143 f. Dissertação (Mestrado em Teologia).
- MEDEIROS, Marcia Maria. **A instrução pelo riso em Santo Agostinho**. Maringá, v. 32, n. 2, p. 185-191, 2010. DOI: <https://doi.org/10.4025>.
- MOREIRA, Vicente de Paulo. Catecumenato e iniciação cristã na Tradição Apostólica de Hipólito de Roma. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, ano 2011, n. 74, p. 135-148, 2011.
- NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da Educação na Antiguidade Cristã**. São Paulo: E.P.U, 1978. 220 p.
- PAIVA, Hugo. Introdução. *In*: AGOSTINHO, Santo. **A instrução dos catecúmenos**: teoria e prática da catequese. 2. ed. Tradução e notas de Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 11-30.
- REZENDE, Antonio Martinez de; BIANCHET, Sandra Braga. **DICIONÁRIO do LATIM ESSENCIAL**. 2. ed. São Paulo : Autêntica , 2014.
- ROSINA, Dhênis ; MELO, José Joaquim Pereira. **A organização do trabalho didático na Antiguidade Tardia**: Santo Agostinho e a educação dos catecúmenos, [s. l.]: 2013, p. 1-13.
- ROXO, Paulo Antonino Mascarenhas. Introdução. *In*: AGOSTINHO, Santo. **Primeira catequese aos não cristãos**. Tradução e introdução de Paulo Antonino Mascarenhas Roxo. São Paulo: Paulus, 2013. p. 68 (Coleção Patrística, n. 32).

Materiais Consultados

- AGOSTINHO, Santo. **Primeira catequese aos não cristãos**. Tradução e introdução de Paulo Antonino Mascarenhas Roxo. São Paulo: Paulus, 2013. 147 p. (Coleção Patrística, v. 32).
- KUNZLER, Flávia Paim; FAVORETO, Aparecida. Religião e educação: um breve relato do pensamento filosófico de Agostinho de Hipona. **Revista Sapiência**, Iporá, n. 2, p. 123-136, 2017.
- MELO, José Joaquim Pereira. Santo Agostinho e o problema da aprendizagem humana. **Imagens da Educação**. Maringá, ano 2015, n. 1, p. 82-94.
- PAULA, Andriely Samanda de ; MELO, José Joaquim de. O pensamento de santo Agostinho para a formação do homem cristão. *In*: **Anais da VII Jornada de Estudos Antigos e Medievais**. Maringá, [s.d.].
- PEINADO, Maria Rita Sefrian de Souza. **Proposta de educação cristã e estratégias de ensino em Santo Agostinho**. São Carlos: Editora SCIENZA, 2018. 120 p.